

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Uma amizade, um discurso: a atuação intelectual de Henrique Castriciano e Luís da Câmara Cascudo na construção dos lugares generizados da Natal da Modernidade

João Carlos Vieira da Costa Cavalcanti da Rocha¹

RESUMO:

Este trabalho objetiva compreender a atuação de dois intelectuais potiguares – Henrique Castriciano e Câmara Cascudo – na construção dos lugares generizados durante a modernização de Natal nas primeiras décadas do século XX. Marcados pelo patriarcalismo e ruralismo existente em suas formações, Castriciano e Cascudo, amigos por longos anos, procuraram defender os antigos pressupostos da sociedade tradicional nortista, objetivando, na capital potiguar, a formação de uma “modernização conservadora”. Considerados representantes do saber, terminaram atribuindo-se às funções de agentes da consciência e do discurso, auxiliando o poder e seus dispositivos coercitivos e de controle da população, uma vez que lutaram pela construção de espaços utópicos, onde haveria uma “sociedade aperfeiçoada”, fato que pode ser exemplificado na luta pela edificação da Escola Doméstica.

Palavras-Chave: Intelectuais – Literatura – Gênero

ABSTRACT

This article aim to understand the role of Henrique Castriciano and Câmara Cascudo, two important intellectuals from Brazil's north in the construction of gender places during Natal's modernization at the first decades of the 20th century. Castriciano and Cascudo - raised around many rural and patriarchal aspects – were close friends and defended the traditional principles from north's society with the objective to create a conservative modernity at Natal. As scholars, they attributed themselves the function of agents of conscience and discourse, helping the political power and his coercive devices with the fighting to construct utopian spaces: places where the society should be perfect, a fact that can be showed with the building of Natal's Domestic School.

Keywords: Intellectuals – Literature - Gender

Nas últimas décadas a historiografia brasileira sofreu um grande processo de renovação, principalmente quando as pós-graduações brasileiras desenvolveram-se e passaram a ter relações mais intensas com os pressupostos teórico-metodológicos cujas idéias criticavam determinados conceitos até então seguidos pelos historiadores brasileiros, pautados sobretudo pela influência marxista ou do positivismo rankeano.

Desde o final da década de 1970 as transformações nas práticas historiográficas do

¹ Mestrando em História & Espaços pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Brasil mostravam-se latentes. A publicação das obras de Michel de Certeau e de Michel Foucault, dentre outros, suscitaram grandes questionamentos entre os produtores do conhecimento histórico no país, permitindo-os atravessar as fronteiras que os barravam nos caracteres sociais ou econômicos de determinado período do passado. Assim, muitos historiadores brasileiros, impactados pelas idéias foucaultianas, passaram a enxergar os poderes por meio de suas práticas e representações e a compreender a História como um discurso disciplinado, construído a partir dos questionamentos do presente. Como conseqüências disso, principalmente nos anos 1980 e 1990, várias análises que seguiram tais pressupostos foram publicadas, a exemplo de *Os prazeres da noite*, de Margareth Rago e de *A invenção do Nordeste e outras artes*, de Durval Muniz de Albuquerque Júnior, dentre outros (RAGO, 1995).

No entanto, a despeito de todas essas modificações na historiografia brasileira, as pesquisas acerca de gênero, principalmente utilizando os questionamentos formulados por Michel Foucault, parecem estar em desenvolvimento. Em uma pesquisa desenvolvida durante a monografia de graduação em História, percebi que as investigações sobre as questões referentes a gêneros restringem-se, notadamente, ao Centro-sul do Brasil. Existem poucas análises sobre este assunto quando nos referimos ao Nordeste e, menos ainda, se nos restringirmos à Natal, recorte espacial escolhido para minha pesquisa, uma vez que examinarei dois importantes intelectuais dessa cidade. Posso afirmar que o livro mais expressivo sobre os discursos de masculinidade e feminilidade na região é *Nordestino: uma invenção do falo*, de autoria de Durval Muniz de Albuquerque Júnior, o qual interroga as razões do surgimento do estereótipo do macho nordestino, explicando ser este uma construção histórica que nos remete às primeiras décadas do século XX (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003).

Na seara dessas interpretações, minha dissertação de mestrado propõe-se a questionar a atuação de dois intelectuais potiguares – Henrique Castriciano e Luís da Câmara Cascudo – na modernização da cidade do Natal durante a primeira metade do século XX. Mais especificamente, o interesse é compreender de que maneira tais pensadores conservadores construíram lugares generizados em Natal, ou, utilizando a expressão cunhada por Michelle Perrot, *lugares sexuados*, isto é, locais de predominância e atuação de um determinado gênero (PERROT, 1998: 38).

A escolha deste tema partiu de uma série de inquietações que me afligiram durante algum tempo. Enquanto bolsista de iniciação científica, tive a oportunidade de pesquisar nos jornais das primeiras décadas do século passado e, portanto, li dezenas de artigos sobre a

modernização de Natal. No entanto, um fato chamou-me a atenção: a luta pela formação de uma escola que prepararia as mulheres para enfrentar os ditames de uma nova sociedade, mas se preocupava em educá-las também na arte de serem donas-de-casa e esposas responsáveis para com seus maridos. O principal idealizador do projeto foi Henrique Castriciano – poeta, advogado e político de certa influência no estado, uma vez que tinha sido Secretário-Geral do governo Alberto Maranhão, deputado estadual e vice-governador por dez anos. Entusiasta do progresso, Castriciano imaginou – e procurou construir – *lugares utópicos* (FOUCAULT, 2001: 411-422) nos quais haveria uma determinada ordem a se seguir e o respeito às tradições da sociedade patriarcal do norte do país. Por isso, me interessei em compreender as atuações desse intelectual na formação dos espaços da Natal Moderna.

Além disso, escrevendo a monografia *Entre rosas e espinhos: os discursos de feminilidade e masculinidade na obra de Luís da Câmara Cascudo (1920-1930)*, percebi que tal autor, ao descrever mulheres ou homens, relatava lugares públicos e privados nos quais eles deveriam se encontrar, numa fórmula heterogênea, pois aos homens pertenciam os lugares públicos e o espaço privado estava reservado às mulheres, que tinham atuações ao público em apenas alguns locais ou em determinadas ocasiões, tais como nas missas ou em rodas de caridade. Sendo Cascudo um dos pensadores mais influentes na sociedade potiguar, uma vez que atuou em várias esferas, inclusive relacionando-se com as redes de poder político, a qual permitiu que várias de suas idéias se concretizassem. Portanto, sabe-se que ele foi um grande encorajador e mentor de várias transformações que assolaram Natal na primeira metade do século XX.

Portanto, resolvi construir este trabalho analisando o pensamento desses dois nomes uma vez que eles foram amigos íntimos, tendo sido Castriciano um dos conselheiros intelectuais de Cascudo, que termina por se arvorar sucessor daquele. Suas idéias, bastante semelhantes, foram extremamente influentes na formação da cidade, além de terem feitos diversos relatos de lugares que se perpetuaram ou foram re-significados, os quais nos permitirão compreender seus discursos acerca das relações de gênero.

UMA AMIZADE, UM DISCURSO

Henrique Castriciano e Luís da Câmara Cascudo foram intelectuais importantes na cidade do Natal. Escritores e estudiosos da história dessa capital eles preocuparam-se em garantir seus lugares de memória neste município. Cascudo, por exemplo, obteve grande

sucesso nessa empreitada, uma vez que construiu uma memória acerca de si que o tornou sinônimo da cidade em que morou.

Este estudo procura interrogar de que maneira Henrique Castriciano e Luís da Câmara Cascudo construíram lugares generizados em Natal, questionando como e por que eles foram fabricados. Além disso, objetivamos compreender como seus discursos foram re-significados pela população natalense, que até hoje repete várias de suas idéias. Nosso problema histórico, portanto, é o discurso acerca dos lugares generizados nas produções de Henrique Castriciano e Câmara Cascudo durante a primeira metade do século XX.

Escolhi tal recorte temporal por ser este um momento de intensas transformações no mundo, inclusive no Brasil, em todos os sentidos. Aliás, aconteceram desde o início do período republicano, quando o Brasil havia adentrado à Modernidade. Naquele momento, as modificações foram bastante comuns, como a inserção dos negros – recém-libertos pela lei de 1888 – à sociedade, o desenvolvimento dos centros urbanos e, em consequência disto, a formação e fortalecimento de novas classes sociais, tais como a burguesia e o operariado, que fizeram frente à sociedade ruralista e patriarcal que existia à época. Além disso, o próprio processo de modernização trouxe para as cidades novas tecnologias que modificavam as tradições, a exemplo do cinema, o qual poderia exibir imagens e costumes de outros países, gerando uma “perigosa” circularidade cultural. Esse processo de modificações na sociedade foi descrito como a “feminização da sociedade”, uma vez que houve o aumento dos ideais burgueses em detrimento à moribunda sociedade patriarcal (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003: 31-148).

A década de 1920, por exemplo, representou um grande avanço, pois se vivia o pós-guerra. Durante o conflito, as mulheres, principalmente na Europa e nos Estados Unidos, haviam saído de casa para trabalhar no esforço de guerra e sustentar suas famílias, órfãs do patriarca, que estava lutando na guerra. Com o término do conflito, elas começaram a lutar pelos postos conquistados ao longo do conflito, não aceitando, com frequência, voltar para o lar e ser submissa ao “seu homem”. Estes fatos levaram à formação de mulheres que comandavam famílias e participavam da sociedade, algo raro no século anterior.

Durante esse momento, o Brasil também sofreu alterações no modo de vida da população. O modernismo aqui chegou e, com ele, várias transformações ocorreram no campo cultural, com a participação efetiva das mulheres neste movimento – tais como Tarsila do Amaral e Anita Malfatti. Além disso, o movimento operário cresceu e, em vários momentos, as mulheres foram decisivas na formação de manifestações e críticas contra os industriais, à procura de melhores condições de vida e trabalho. As mulheres, portanto, passaram a ter uma

vida social mais ativa, trabalhando, estudando e deixando de ser objetos que necessitavam dos cuidados de seus homens, sejam pais ou maridos. Foi neste período que uma primeira forma de feminismo surgiu no Brasil, tendo por base a luta das mulheres em conseguir melhores condições de trabalho e de educação, contestando uma sociedade extremamente masculinizada a qual impossibilitava que tais aspectos fossem visados pelo sexo feminino.

Essas transformações também chegaram à Natal, cidade onde Castriciano e Cascudo viveram e conviveram com tais alterações. A Modernidade, ao chegar à capital potiguar, ocasionou agitações e conflitos, uma vez que esta era uma cidade que, apesar de estar se modernizando, ainda convivia com os aspectos patriarcais e ruralistas de uma sociedade tradicional do norte do país àquela época.

Castriciano e Cascudo sofreram com estas alterações, pois eram homens de sólida formação católica, criados à sombra de uma estrutura paternalista e rural, mas que, ao mesmo tempo, conviveram intensamente com o desenvolvimento burguês da cidade, principalmente Cascudo, filho do comerciante mais rico da localidade. Acredito que suas idéias ainda estavam ligadas aos pressupostos de uma sociedade moribunda, que estava na transição do rural e patriarcal para o urbano e burguês.

Aliás, esse momento de transformação em Natal foi muito forte a partir das décadas de 1910 e 1920, quando os governadores do Estado – notadamente Alberto Maranhão e José Augusto – e os prefeitos da capital planejaram construir uma capital moderna, com bondes, energia elétrica, redes de águas e esgotos, e sistema de educação mais bem elaborado.

Portanto, em um período de fortes mudanças na estrutura urbana, os intelectuais nela agiram e a alteraram, criticando e sugerindo planos urbanísticos, projetando como seriam os lugares da modernidade, relatando e criando lugares utópicos que, parafraseando Certeau (CERTEAU, 1994: 187-217), seriam dispositivos criados pelos poderes com o intuito de produzir o controle e a coerção da população.

Como lembra Foucault e Deleuze (FOUCAULT, 2004: 69-79), os intelectuais sempre tiveram relações com o sistema de poder, freqüentemente atribuindo-se funções de agentes da consciência e do discurso. Mônica Veloso expõe que

“no Brasil, a nossa estrutura patriarcal e autoritária e a própria condição de país periférico [...] acabaram por reforçar ao extremo esse tipo de prática. Assim, o ideal da representação, o falar em nome dos destituídos de capacidade de discernimento e expressão, foi facilmente absorvido pelo intelectual brasileiro” (VELOSO, 2003: 147).

Cascudo e Castriciano também se revelaram intelectuais que supunham falar em nome dos “destituídos de capacidade”, principalmente num Estado pobre e com elevado número de analfabetos como o Rio Grande do Norte. Intimamente relacionados com o poder, eles fizeram de seus discursos estratégias para impedir alterações substanciais na sociedade. Formaram uma idéia de Modernidade para Natal, porém uma Modernidade conservadora.

Assim, para compreender como se deram as atuações desses dois proeminentes intelectuais, analisarei dois aspectos interessantes presentes na obra *Alma Patrícia* (1921), a primeira de Luís da Câmara Cascudo: a discussão em torno da formação da Escola Doméstica em Natal e a descrição da vida da poetisa Palmyra Wanderley.

Por ser uma obra que busca formar uma crítica dos valores literários potiguares, Cascudo analisa vários poetas e poetisas no estado, preocupando-se em construir uma breve biografia de cada, ressaltando suas principais realizações em vida e suas melhores poesias. O capítulo mais longo é dedicado a Henrique Castriciano, seu amigo e mentor intelectual, no qual se tece uma série de elogios, principalmente à sua atuação como fundador do escotismo no Rio Grande do Norte e de uma *Liga de Ensino* (1911), a qual tinha por objetivo lutar por uma educação feminina nos moldes suíços (ARAÚJO, 1998: 99).

Poucos anos depois da criação da *liga*, foi fundada a Escola Doméstica, uma instituição que não se caracterizou em ensinar às moças natalenses exatamente os mesmos conteúdos ministrados em escolas masculinas. De acordo com Cascudo, esta se destinava a ensinar às meninas os predicados necessários à vida, principalmente às questões do lar (CASCUDO, 1998: 28). Além disso, Cascudo descreve a instituição como uma

casa, de onde novos elementos regeneradores dotariam as moças da única e verdadeira educação racional; a luta pelo trabalho são, para a felicidade, conforto honesto e econômico dos lares, onde fatalmente irão dominar com sua graça e perfumar com o seu carinho (CASCUDO, 1998: 28).

As moças de Natal, portanto, deveriam ser ensinadas por uma pedagogia que não as colocassem em confronto com os homens, mas que as levassem à procura de trabalho são. Assim, considerando que a palavra *são* tem, via de regra, dois significados – santo e sadio – e é um vocábulo presente nas linguagens católica e médica, compreendemos que o discurso de Câmara Cascudo acerca da educação feminina lembra que a função da mulher na sociedade é ser obediente ao marido, a dona da casa, a *Rainha do Lar*, como estabelecido pelo

pensamento católico da época. Além disso, imaginamos que, no sentido médico, havia a idéia de que a mulher não deveria tentar burlar as hierarquias entre o gênero masculino e feminino, uma vez que muitas das que tentaram ser “iguais aos homens” foram consideradas loucas pelo discurso médico da época, pois estavam fora da norma.

Assim, as mulheres continuavam sendo controladas pelo discurso das elites conservadoras, que enxergavam na sua emancipação um perigo para as hierarquias de gênero que prevaleciam na sociedade. Portanto, não é de se surpreender que, exatamente no momento em que a mulher tornava-se mais independente frente ao sexo masculino – e, conseqüentemente, mais próximo dele, ao realizar tarefas antes por ele monopolizadas – se forjou uma representação simbólica da mulher como “a esposa-mãe-dona-de-casa, afetiva, mas assexuada” (RAGO, 1997: 62). Procurava-se conter a sexualidade feminina, reforçando um sistema tradicional de codificações morais, marcado pela submissão à dominação masculina.

Tais idéias podem ser percebidas na descrição que Cascudo faz de Palmyra Walderley, no mesmo *Alma Patrícia*. A poetisa é vista, por Cascudo, como o exemplo de mulher católica a ser seguido pelas moças do Estado. Ao descrever sua atuação, ele se esmera em elogios à escritora, lembrando-se de sua atuação pública:

Palmira conquistou imediatamente todas as simpatias pelo seu esforço tenaz para minorar os sofrimentos alheios. Em todas as festas, em todos os bailes, em todos os cantos, onde e como podia, lembrava aos que se divertiam, a fome e a miséria dos patrícios, pelas estradas desertas do sertão em brasa (CASCUDO, 1998: 37).

No entanto, a atuação pública de Palmira Wanderley não está ligada à idéia do trabalho fora de casa para ajudar a sustentar a família, interpondo-se ao poderio masculino. Esta atuação estava relacionada à caridade, ação que deveria ser praticada pelas moças de boa família, que, por ter um instinto fraternal e cristão, se preocupariam com os mais pobres, com as crianças, com os flagelados da seca que, em determinados períodos do ano, assolava o sertão norte-rio-grandense. Cascudo continuava a imaginar a mulher cerrada dentro da sua casa, como a rainha do lar, e não no meio público que era um lugar sexuado dos homens, uma região dominada por este gênero. A elas estava reservado outro lugar, a casa, o âmbito privado.

Assim, percebe-se que Cascudo e Castriciano produziam discursos de lugares, os quais visavam construir espaços estáveis, ou seja, espaços racionalmente organizados, prontos

ou empáticos à “sujeitos universais” e à multiplicidade de grupos, associações e indivíduos, o que acaba por dar forma a própria cidade do Natal (CERTEAU, 1994: 172-173). Seus escritos tencionaram a formação de lugares ideais, homogêneos, e eles se empenharam, enquanto escritores, para transformá-los em espaços utópicos, ou seja, numa “sociedade aperfeiçoada [...] espaços que fundamentalmente são essencialmente irreais” (FOUCAULT, 2001: 415).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino**: uma invenção do falo. Maceió: Catavento, 2003.

ARAÚJO, Marta Maria de. **José Augusto Bezerra de Medeiros**: político e educador militante. Natal: EDUFRN, 1998.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Alma patricia**: crítica literária. 2. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1998.

CERTEAU, Michel de. Práticas de espaço. In: _____. **A invenção do cotidiano**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. v. 1. p. 167-217.

FOUCAULT, M.; DELEUZE, G. In: FOUCAULT, M. **A microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2004. p. 69-78.

_____. Outros lugares. In: _____. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 411-422. (Ditos e Escritos, III)

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. São Paulo: UNESP, 1998.

RAGO, **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar (1890-1930). 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997

_____. O efeito-Foucault na historiografia brasileira. **Tempo Social**. Revista Sociológica. USP, São Paulo, 1995.

VELOSO, M. P. Os intelectuais e a política do Estado Novo. In: FERREIRA, J.; DELGADO, L. de A. N. **O tempo do nacional-estatismo**: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 147. (O Brasil Republicano, 2).